

Dingbats Baía Formosa: interseções entre o design de tipos e a cartografia social a partir de um projeto de extensão universitária

Dingbats Baía Formosa: intersections between type design and social cartography from a university extension project

Luiza Falcão, Juliana Felipe Farias

tipografia, dingbats,
cartografia social

O artigo apresenta o projeto Dingbats Baía Formosa, ação de extensão universitária proposta pelos Departamentos de Design e de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O projeto propõe utilizar fontes dingbats como ferramenta no processo de mapeamento social participativo. O estudo investigou duas hipóteses: a) a utilização de símbolos previamente desenhados pode contribuir na dinâmica de oficinas teórico-práticas de suporte ao desenvolvimento de mapas sociais, e b) a implementação de tais símbolos como fontes dingbats pode facilitar na confecção dos mapas em softwares de Sistemas de Informação Geográfica (SIG). O projeto resultou na elaboração de cinco fontes representativas dos elementos da cultura do município de Baía Formosa/RN. Foi constatado que a produção de dingbats pode facilitar o desenvolvimento de mapas sociais e a sua implementação em softwares especializados.

typography, dingbats,
social cartography

The paper presents the Dingbats Baía Formosa project, a university extension activity proposed by the Design and Geography Departments of the Federal University of Rio Grande do Norte (UFRN). The project proposes to use dingbat fonts as a tool in the participatory social mapping process. The study investigates two hypotheses: a) the use of previously designed symbols can contribute to the dynamics of theoretical-practical workshops to support the development of social maps, and b) the implementation of such symbols as dingbat fonts can facilitate mapping in geographic information systems (GIS) software. The project resulted in the elaboration of five fonts representing the elements of the culture of Baía Formosa/RN. It was found that the production of dingbats can facilitate the development of social maps and their implementation in specialized software.

1 Introdução

O design de tipos, área de especialização da tipografia dedicada ao projeto de fontes, abrange uma variedade de projetos tipográficos. As fontes variam de acordo com as suas particularidades projetuais e finalidades

de utilização, explorando em seus desenhos uma gama de diferentes estilos: tais estilos formais são organizados por meio de propostas de categorização sugeridas por teóricos e fabricantes de tipos. As propostas de classificação mais tradicionais – Vox, Novarese, BS 2961, DIN 16518, entre outras – exploram em suas categorias as diferenças formais entre as fontes alfabéticas, e ignoram as diferenças entre as fontes que não possuem como partido projetual a representação do alfabeto (latino ou não-latino). No entanto, as fontes compostas por conjuntos de caracteres não-alfabéticos – usualmente conhecidas como fontes *dingbats* – também fazem parte das possibilidades de projeto tipográfico, especialmente após a disseminação dos computadores pessoais como ferramenta para a produção de fontes:

Um adendo importante às classificações tradicionais foi a inclusão de uma classe para as fontes *dingbat*, também chamadas de *pi-fonts*, *pictofonts* ou *symbols* (símbolos), conjuntos tipográficos que trazem ornamentos, pictogramas ou ilustrações no lugar das letras. Estes conjuntos, presentes nas oficinas tipográficas desde o renascimento, somente ganharam o status de fonte com o advento das tecnologias digitais (Silva & Farias, 2005, p. 11).

Uma vez que o projeto de fontes *dingbats* passou a ser explorado de maneira sistemática apenas após a revolução digital ocorrida na década de 1980, observa-se uma oportunidade para investigações projetuais nesta área do design de tipos. É possível perceber que existe espaço para a exploração de como fontes dessa natureza podem ser utilizadas para diferentes finalidades, não apenas na composição de artefatos gráficos característicos da área do Design, mas também em trabalhos e pesquisas de outras áreas do conhecimento.

A iniciativa apresentada neste artigo foi idealizada a partir da perspectiva de colaboração entre os campos do Design de tipos e da Geografia no nível educacional – especificamente na área da Cartografia Social, eixo de pesquisa que converge para uma leitura integrada das questões socioambientais e de luta por direitos, justiça ambiental e fortalecimento de culturas locais. As iniciativas de mapeamentos participativos, representativos da Cartografia Social, difundiram-se mundialmente no início da década de 1990 com a participação de Organizações Não-Governamentais, associações indígenas, organismos multilaterais e de cooperação internacional, fundações privadas, universidades, entre outras (Achselrad & Coli, 2008).

Experiências relacionadas à Cartografia Social estão em um contínuo processo de construção que vem, nos últimos anos, contribuindo com a relativização do sentido oficial de se construir mapas, e propiciando a ressignificação do termo cartografia (Achselrad & Viêgas, 2013). A construção dos mapas sociais participativos permite aos grupos envolvidos se perceberem enquanto agentes que exercem influência e moldam o seu território, bem como apontar fragilidades, potencialidades, possibilidades de melhoria do uso dos recursos naturais, e realização de ações de valorização da cultura local.

Neste sentido, é possível enxergar oportunidades de interseções entre o Design da Informação e a Cartografia Social, a partir do estudo e da produção de representações pictóricas referentes à cultura material e imaterial de um território. O presente artigo apresenta o projeto Dingbats Baía Formosa, uma proposta de diálogo entre o Design e a Geografia, a partir de uma atividade extensionista no município de Baía Formosa/RN. O projeto, que também contemplou ações na área do ensino e da pesquisa, investigou ao longo da sua realização as seguintes hipóteses: a) a utilização de símbolos previamente desenhados pode contribuir na dinâmica de oficinas teórico-práticas de suporte ao desenvolvimento de mapas sociais, e b) a implementação de tais símbolos como fontes *dingbats* pode facilitar na confecção dos mapas em *softwares* de Sistemas de Informação Geográfica (SIG). O projeto resultou no desenvolvimento de cinco fontes *dingbats* representativas do município de Baía Formosa.

2 O uso de fontes *dingbats* no campo da Cartografia Social

No âmbito das fontes digitais, uma fonte *dingbat* é caracterizada por um conjunto de caracteres cujo desenho não possui relação explícita com os arquétipos formais que constituem o alfabeto. Tais tipografias possibilitam a construção de sentido na composição de textos não-verbais, a partir de caracteres que exploram, de forma generalizada, a linguagem gráfica pictórica e/ou esquemática¹ como base para sua configuração. Cunha (2019) explica que as regras de construção dos caracteres são mais maleáveis no projeto de *dingbats*, em relação ao de uma fonte alfabética, pois não é preciso se ater a todas as regras de coerência formal que caracterizam as fontes projetadas para a composição de textos verbais. Ainda assim, parâmetros tipográficos tais como as proporções dos caracteres e a relação entre forma e contraforma devem ser padronizados para alcançar a harmonia formal do conjunto.

Por possibilitar a exploração de representações visuais das mais diversas naturezas, o projeto de fontes *dingbats* torna-se uma excelente ferramenta para a documentação da cultura de um território. Cunha (2019) expõe que a esfera cultural foi utilizada de forma recorrente como inspiração para a temática dos projetos tipográficos no início da produção de fontes *dingbats* em solo brasileiro. As fontes exploram a representação pictórica de elementos da cultura material e imaterial de diferentes recortes territoriais, que abrangem desde uma cidade específica, até uma região ou o Brasil como um todo. Nos últimos anos, os *dingbats* Grande Vitorinha e a *Dingbats* Brasília (Figura 1) se destacaram no cenário nacional por explorar elementos culturais de capitais brasileiras, divulgando-os na forma de fontes digitais.

Tendo em vista que a produção de fontes *dingbats* é um campo fértil para a representação de um determinado recorte territorial e das suas particularidades culturais e simbólicas, identificou-se caminhos de convergência entre as áreas do Design de tipos e da Cartografia Social. Um mapa social, assim como os mapas tradicionais, é construído a partir

¹ Twyman (1982) apresenta um diagrama de estruturação da linguagem (auditiva e visual). Dentro do âmbito da linguagem visual, encontra-se a linguagem visual gráfica que contempla as modalidades “verbal”, “pictórica” e “esquemática”.

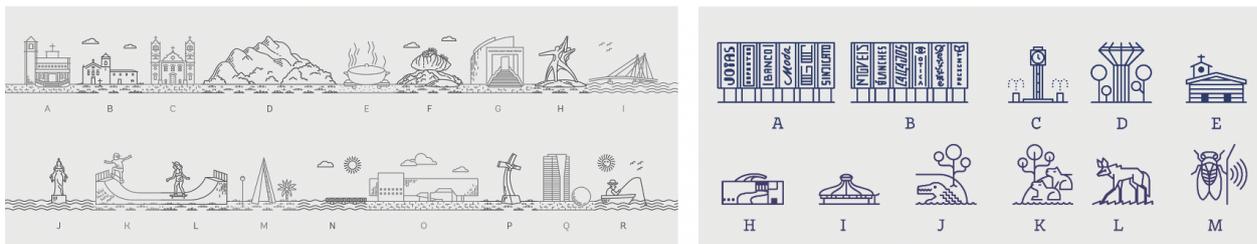


Figura 1 Fontes Grande Vitorinha e *Dingbats* Brasília.

de uma imagem de satélite na qual os participantes identificam locais do território no qual habitam e os sinalizam a partir do desenho manual de símbolos representativos.

É possível visualizar, no exemplo a seguir (Figura 2), um mapeamento social elaborado pelos povos tradicionais de Itacuruba/PE, no qual foram identificados diversos elementos relacionados aos povos indígenas e quilombolas que habitam a região, áreas de impacto socioambiental, áreas de extração de diversos minérios, entre outros (Silva, 2020). Os participantes do processo foram orientados a desenharem símbolos representativos dos elementos que eles gostariam de identificar no recorte territorial em discussão (Figura 2).

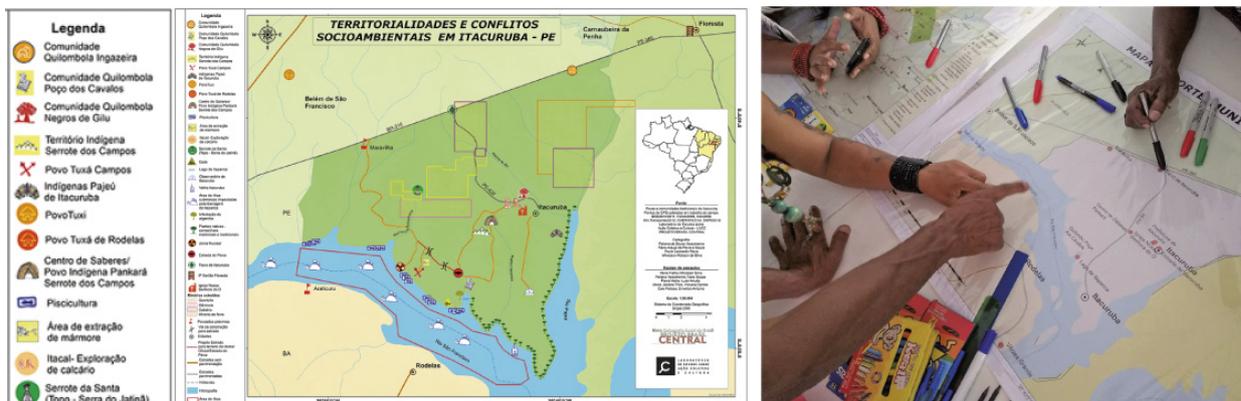


Figura 2 Mapa produzido no Projeto Nova Cartografia Social em Pernambuco (Silva, 2020).

A representação visual dos elementos que caracterizam a região é fundamental para a leitura do mapa: os símbolos funcionam como conexão entre as informações do mapa e a sua legenda. Neste sentido, é possível que a utilização de símbolos previamente desenhados, oriundos de fontes *dingbats*, facilite o processo de mapeamento social e estimule o debate sobre diversas questões relacionadas às potencialidades e aos conflitos sociais de uma determinada região. Os *dingbats* podem ser utilizados em oficinas de Cartografia Social a partir da impressão de selos, adesivos, ou até mesmo por meio do uso de diversas técnicas de reprodução gráfica, tais como o uso de placas em *stencil* ou carimbos.

Ao final das oficinas, os pesquisadores que atuam na mediação do processo de mapeamento social digitalizam os mapas elaborados em *softwares* de Sistema de Informação Geográfica (SIG). Os dados geoespaciais mapeados devem ser representados por símbolos, que possuem definições e significados próprios no âmbito da Geografia:

A simbolização, que é a definição dos símbolos e convenções cartográficas que representarão as informações geográficas em um mapa ou carta é, juntamente com a generalização, uma das transformações cognitivas a que serão submetidas as informações geográficas. As transformações cognitivas são aquelas sofridas pela informação geográfica, para que possa tanto ser representada cartograficamente quanto reconhecida como a informação existente no mundo real (Ferreira et al., 2020, p. 89).

Em processos de mapeamento social, no entanto, podem ser necessários símbolos mais específicos relacionados a um determinado contexto territorial, os quais não possuem regras de representação visual. Vislumbra-se aqui a perspectiva de exploração de representações pictóricas das particularidades culturais do território estudado.

Ferreira et al. (2020) ainda ressaltam que para a digitalização dos mapas, é importante que a simbolização siga o formato SVG (Scalable Vector Graphics), padrão para desenhos vetoriais escaláveis, definido pela W3C (World Wide Web Consortium). O uso de imagens no formato SVG permite o seu redimensionamento para tamanhos maiores, evitando problemas de visualização – o famoso serrilhamento (*aliasing*) das imagens. Neste sentido, surge a possibilidade de desenho vetorial e agrupamento dos símbolos que serão utilizados em um mapa, em uma fonte *dingbat opentype*, para garantir a definição na reprodução dos símbolos, além de facilitar o seu armazenamento e sua distribuição.

3 O projeto *Dingbats Baía Formosa*

O projeto *Dingbats Baía Formosa* é uma atividade extensionista proposta pelos departamentos de Design e de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. As ações que constituem o projeto foram executadas no município de Baía Formosa, localizado no estado do Rio Grande do Norte, situado na mesorregião Leste Potiguar e na microrregião Litoral Sul, abrangendo uma área de 250 km² (Lima, 2004). O município possui uma população residente estimada de 9.373 habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2010), distribuídos nas zonas urbana e rural.

Destacam-se em termos de atividades econômicas da região a agropecuária, a pesca, o extrativismo, o comércio e o turismo. O município está em constante processo de crescimento e exploração dos recursos naturais, com destaque para a atividade turística, especialmente na área do litoral (Lima, 2004). Também se evidencia o fomento ao esporte, com o *surf* como pilar, a partir do estímulo à prática, direcionada a crianças e adolescentes em estado de vulnerabilidade social. No ano de 2021, a

conquista da primeira medalha de ouro na modalidade em uma Olimpíada pelo surfista natural de Baía Formosa, Ítalo Ferreira, colaborou para o aumento de procura turística na região por pessoas interessadas no *surf*.

O projeto contemplou, até o presente momento, ações educacionais executadas nos eixos do ensino, da pesquisa e da extensão universitária, que culminaram na produção de cinco fontes *dingbats*. Ações de extensão, desenvolvidas ao longo dos anos de 2021 e 2022, possibilitaram a imersão no território e o contato com diversos perfis de habitantes, viabilizando o entendimento de como os moradores de Baía Formosa enxergam e interpretam a cultura local. Paralelamente, os dados coletados nas atividades extensionistas foram analisados por estudantes da disciplina Design de Tipos, componente curricular optativo do curso de Bacharelado em Design da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, nos semestres de 2022.1 e 2022.2. As fontes *dingbats* foram projetadas por equipes constituídas por participantes do projeto de extensão e por participantes da disciplina supracitada. Por fim, no âmbito da pesquisa, estabeleceu-se investigações acerca da viabilidade tecnológica quanto à utilização das fontes *dingbats* nos *softwares* de SIG, assim como do uso de símbolos previamente elaborados em oficinas de Cartografia Social.

Destaca-se que a iniciativa visou explorar como conhecimentos relacionados à produção de fontes *dingbats* poderiam ser construídos e aplicados por estudantes do curso de Bacharelado em Design de forma contextualizada, a partir de um cenário real de utilização oriundo de hipóteses de cunho científico.

A metodologia para o desenvolvimento das fontes *dingbats* contemplou sete fases, desde a coleta e análise dos dados, passando pela produção e teste dos caracteres, e culminando no uso dos símbolos em artefatos gráficos comunicacionais e mapas sociais. Suas fases serão apresentadas a seguir.

4 Metodologia de desenvolvimento do projeto

4.1 Realização de mapeamento social em Baía Formosa

O primeiro passo desta experiência foi a elaboração de um mapeamento social do município a partir da visão de habitantes locais, tendo como base uma série de oficinas teóricas e práticas relacionadas à cartografia social e educação ambiental, embasadas em autores como Gorayeb et al. (2015), Acselrad e Coli, (2008) e Costa et al. (2016). As oficinas, que ocorreram na Escola Estadual Professor Paulo Freire ao longo do ano de 2021, apresentaram como resultado mapas sociais participativos, nos quais os habitantes identificaram as potencialidades e limitações do município, elaboraram proposições para a melhoria do uso dos recursos naturais e idealizaram propostas para a valorização da cultura local.

Esse diagnóstico foi realizado a partir do reconhecimento de pontos estratégicos do território estudado, tais como a área de pousadas, as escolas, o campo de futebol, além de outros pontos mais específicos –

tais como o “Buraco da Velha” e a “Comunidade do Pela”, por exemplo –, conforme pode ser visualizado na Figura 3. Estes pontos mais específicos configuram as particularidades da cultura do município, cuja representação visual pode representar um desafio para os envolvidos no processo. A representação gráfica de locais mais genéricos tais como uma delegacia ou um hospital, por outro lado, poderia se beneficiar de um repertório visual coletivo oriundo do contato prévio com outros mapas e demais artefatos gráficos – placas de sinalização, por exemplo – que já utilizam símbolos representativos destes conceitos.



Figura 3 Mapeamento Social de Baía Formosa.

4.2 Análise dos mapas sociais

O mapeamento social desenvolvido pelos habitantes do município de Baía Formosa foi analisado a procura dos símbolos desenhados para a representação do território. Verificou-se o desenho manual de símbolos das mais diversas naturezas, tais como os dedicados à representação de serviços de saúde, segurança pública, recursos naturais, entre outros. A observação das oficinas de Cartografia Social em conjunto com a análise dos mapas revelou que os participantes apresentaram um certo nível de dificuldade para a representação pictórica das questões retratadas. É possível perceber na figura 4, por exemplo, que muitos dos pontos foram identificados por meio de cores ou figuras geométricas, e não por meio de símbolos.

Os participantes do mapeamento social apresentaram dificuldades tanto para a representação dos locais mais específicos do município, como para os locais ou conceitos mais genéricos. Neste sentido, foi possível confirmar a hipótese de que a utilização de símbolos previamente idealizados em oficinas de Cartografia Social pode auxiliar os participantes no processo de estudo do território, bem como na identificação de um conjunto maior de pontos estratégicos.

4.3 Pesquisa de campo

A análise dos mapas realizada na fase anterior possibilitou a organização de uma lista dos diversos pontos territoriais destacados pelos habitantes de Baía Formosa (Figura 4). Esta lista foi utilizada como elemento norteador para a pesquisa de campo no município (Figura 5), realizada no ano de 2022, a partir da qual construiu-se um acervo fotográfico dos locais e de elementos da cultura material e imaterial identificados pelos moradores.

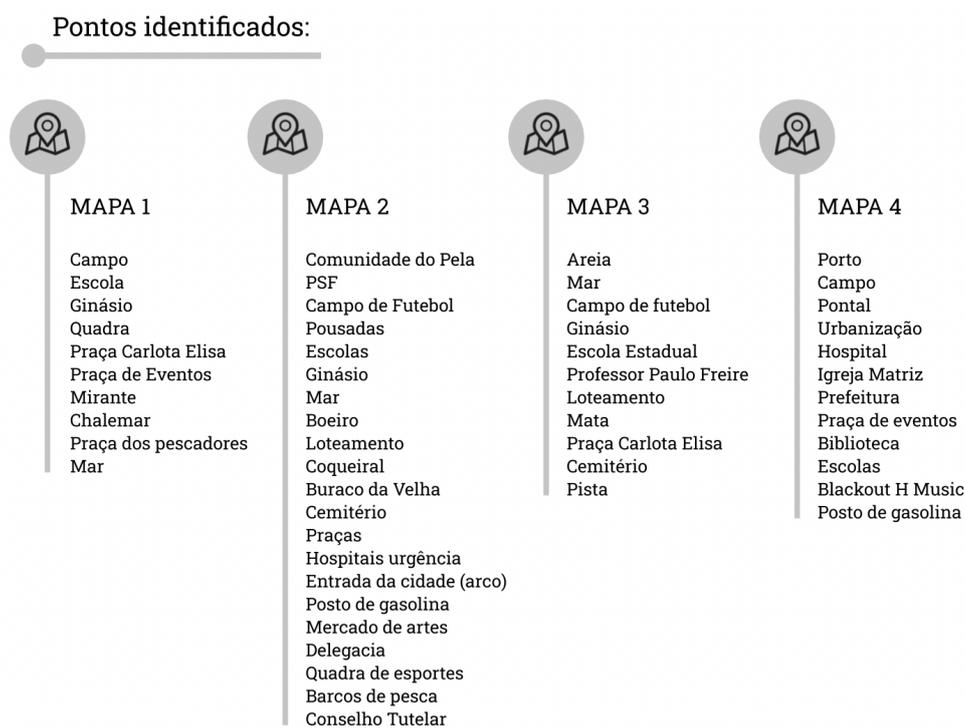


Figura 4 Lista dos pontos identificados no mapeamento social.

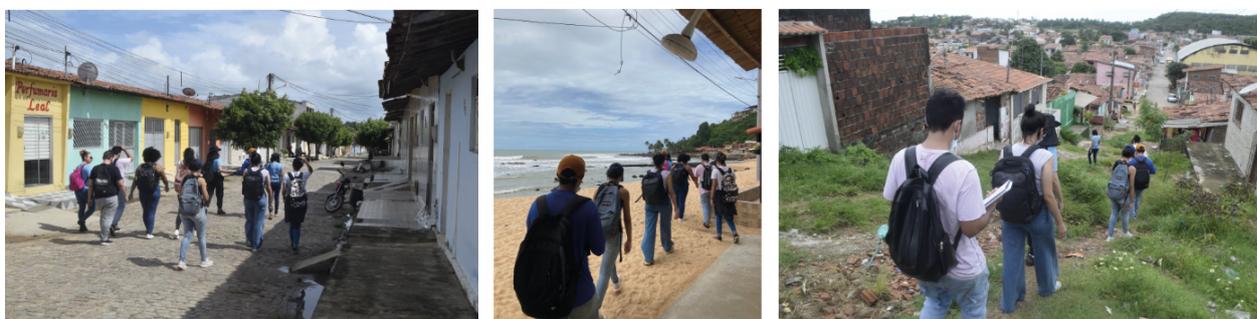


Figura 5 Pesquisa de campo em Baía Formosa.

A pesquisa de campo possibilitou à equipe do projeto a visita a locais em toda a área urbana de Baía Formosa, a observação do cotidiano local e o entendimento das particularidades culturais da região. Essa fase do projeto foi essencial para que houvesse uma exploração das possibilidades de linguagem gráfica que seriam utilizadas como parâmetro para o projeto dos *dingbats*

4.4 Pesquisa documental

Para o aprofundamento do estudo da cultura material e imaterial do município realizou-se, também, uma pesquisa documental em diretórios *on-line* e em redes sociais a procura de informações e de outras fotografias dos pontos representados nos processos de mapeamento. A pesquisa por outras fotografias da região também auxiliou na confecção de painéis de referências visuais (Figura 6) para o estudo de como os elementos poderiam ser representados graficamente pelos caracteres das fontes.

Nesta etapa, estabeleceu-se uma reflexão acerca de quais elementos deveriam ser retratados pelos *dingbats*, e de quais seriam as suas características formais. Os elementos que seriam transformados em caracteres possuíam naturezas completamente diferentes – abrangendo as praias do município, até os problemas da área urbana tais como as enchentes ou a coleta de lixo, por exemplo. Dessa forma, foi preciso explorar, antes mesmo do início do processo de desenvolvimento das fontes, questões relacionadas às possibilidades de síntese visual dos elementos.



Figura 6 Parte dos painéis de referências visuais do projeto.

4.5 Desenvolvimento dos *dingbats* a partir do método proposto por Cunha (2019)

O processo de pesquisa culminou em uma lista de centenas de símbolos que deveriam ser transformados em caracteres tipográficos. Também é preciso destacar a perspectiva de utilização dos *dingbats* para a elaboração de artefatos gráficos de comunicação e sinalização. Ou seja: uma única fonte não seria suficiente para alocar caracteres que retratassem o território, em todas as suas particularidades. Optou-se, portanto, pelo projeto de cinco fontes, que explorariam: a) elementos e locais da área urbana do município; b) objetos característicos da região; c) elementos da natureza local; d) expressões idiomáticas utilizadas no território; e) cenas representativas do município.

As fontes foram projetadas a partir do método proposto por Cunha (2019), composto por 11 fases: 1) Pesquisa iconográfica; 2) Categorização e seleção das referências concretas; 3) Esboços iniciais manuais; 4) Definição da relação entre a espessura das hastes, a proporção vertical e a proporção horizontal; 5) Definição da regra de funcionamento da caixa-alta e da caixa-baixa da fonte; 6) Desenhos manuais de caracteres; 7) Criação de um grid digital em um *software* de desenho vetorial; 8) Desenho digital dos caracteres dentro dos parâmetros definidos; 9) Transposição para o *software* de geração de fontes; 10) Espaçamento lateral; e 11) Geração do arquivo fonte. Visto que o método considera apenas referências concretas como base para o desenho dos *dingbats*, optou-se pela adaptação da etapa de número 2, que no contexto do presente projeto, abrangeu também referências conceituais.

Por fim, ao final do projeto das fontes, realizou-se o teste dos caracteres por meio da aplicação de oficinas de confecção de cartazes e de Cartografia Social. Para facilitar o uso dos caracteres nas oficinas, grande parte dos *dingbats* evita contraformas completamente fechadas em seus desenhos. Esse tipo de construção formal possibilita a confecção de placas de *stencil* com tais símbolos. Assim, foi possível produzir matrizes dos símbolos em acetato e facilitar a reprodução dos desenhos pelos participantes a partir da pintura das placas de *stencil* (Figura 7). As fontes desenvolvidas serão apresentadas a seguir.



Figura 7 Produção de placas de *stencil* com os *dingbats*.



Figura 10 Caracteres da fonte *Dingbats BF Objetos*.

4.5.4 *Dingbats BF Letreiramentos*

A fonte *Dingbats BF Letreiramentos* (Figura 11) se inspira na tipografia vernacular, ainda bastante presente na paisagem urbana de Baía Formosa, para apresentar expressões idiomáticas características da cultura do surf e as principais praias e pontos turísticos do município. A diferença entre os caracteres da caixa alta e da caixa baixa desta fonte é constituída pela presença de ornamentos nos letreiramentos. Esse conjunto de *dingbats* também foi projetado a partir da lógica de reprodução em *stencil*.

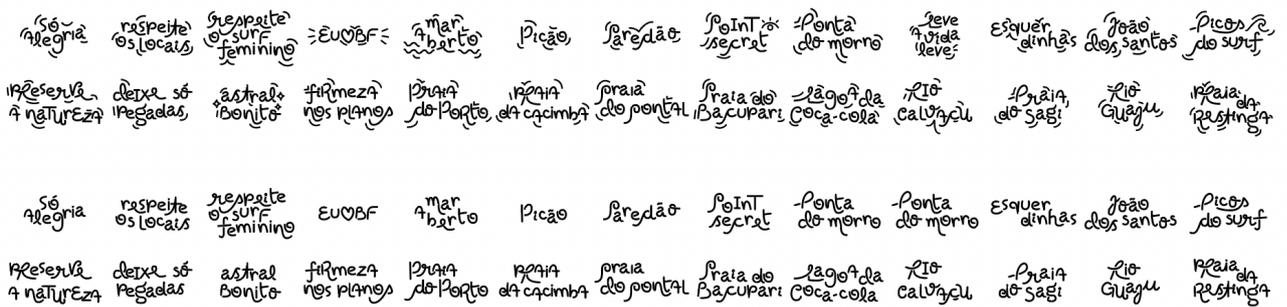


Figura 11 Caracteres da fonte *Dingbats BF Letreiramentos*.

4.5.5 *Dingbats BF Cenas Formosas*

A fonte *Dingbats BF Cenas Formosas* (Figura 12), desenvolvida ao final de todo o processo, apresenta mais de 60 caracteres, entre a caixa alta, caixa baixa, numerais e sinais de acentuação. Os *dingbats* constituem um apanhado da cultura material e imaterial de Baía Formosa, elencado a partir dos elementos representados nas demais fontes e dos *feedbacks* fornecidos pelos habitantes após o uso das fontes em oficinas práticas realizadas no município. A fonte explora os sinais diacríticos como ferramenta para a representação de ações tais como pular, vender, ou passear na praia.

Na oficina de Cartografia Social (Figura 14) os símbolos foram utilizados em selos, disponibilizados para os participantes no momento das discussões e elaboração do mapeamento social. Neste momento foi possível identificar a falta de alguns símbolos representativos de questões importantes de serem documentadas pelos mapas, tais como o desabamento de falésias e as enchentes. Tais símbolos foram desenhados pela equipe de design no momento das oficinas, e, posteriormente, aglutinados ao mapa de caracteres da fonte, que ainda estava em desenvolvimento.



Figura 14 Última oficina de Cartografia Social.

Após o teste de reconhecimento dos caracteres nas oficinas supracitadas, a fonte *Dingbats BF Cenas Formosas* foi finalizada, e todos os *dingbats* foram testados no software ArcGIS (Figura 15). Foi identificado que as fontes são, de fato, passíveis de importação pelo software, e que constituem uma boa alternativa para o armazenamento, uso e distribuição dos símbolos representativos de um recorte territorial, para uso em mapas produzidos sob a ótica da Cartografia Social.

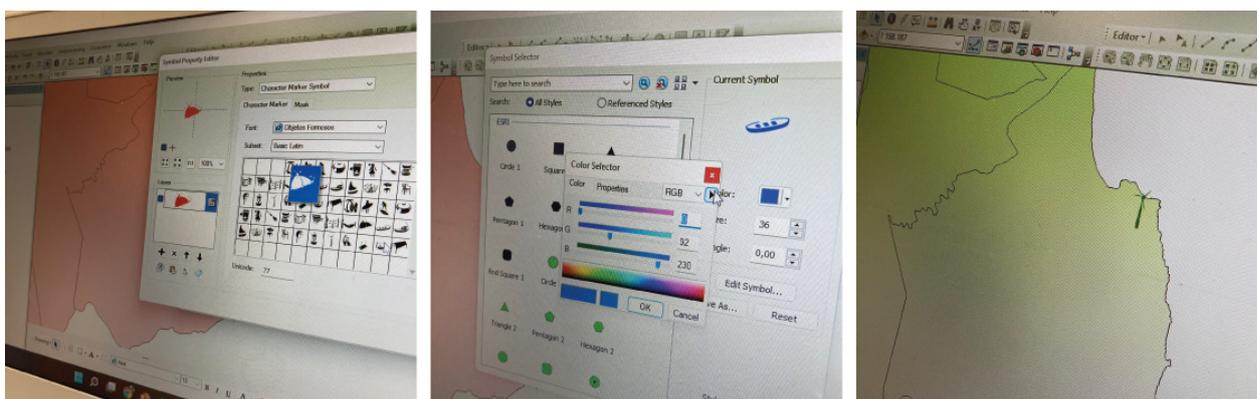


Figura 15 Teste de *dingbats* no sistema ArcGIS.

4.7 Divulgação do projeto

Por fim, o projeto foi apresentado oficialmente à comunidade local a partir de uma palestra para a divulgação das fontes e distribuição de artefatos gráficos projetados a partir do uso dos *dingbats* (Figura 16).



Figura 16 Divulgação do projeto em Baía Formosa.

5 Considerações finais

O presente artigo apresentou o projeto *Dingbats Baía Formosa*, que investigou se a utilização de símbolos previamente elaborados poderia contribuir com a dinâmica de realização de oficinas teórico-práticas de suporte ao desenvolvimento de mapas sociais, e se o armazenamento de tais símbolos em fontes *dingbats* poderia facilitar na confecção dos mapas elaborados em *softwares* de SIG.

Foi constatado que o uso de *dingbats* pode colaborar para o desenvolvimento das oficinas teórico-práticas de Cartografia Social. Porém, percebeu-se que sua utilização também pode interferir no processo de mapeamento social, direcionando os habitantes a mapearem determinadas questões, uma vez que já apresenta aos participantes da dinâmica possibilidades simbólicas para a identificação no território estudado. Nesse sentido, surge uma oportunidade de desenvolvimento de pesquisas que possam se aprofundar neste debate.

Os resultados do projeto indicam que o uso de fontes *dingbats* facilita a dinâmica de implementação dos mapas nos *softwares* especializados, tais como o ArcGIS – utilizado no presente estudo. Torna-se possível o armazenamento e a utilização de dezenas de símbolos a partir de um único arquivo fonte, em substituição à importação de diversas imagens que poderiam sofrer perda de qualidade ao serem redimensionadas.

Observou-se que o uso de fontes *dingbats* personalizadas padroniza visualmente os mapas nos *softwares* de SIG, uma vez que os símbolos que as constituem devem seguir uma uniformização quanto a manipulação das suas características anatômicas mais genéricas, tais como a relação entre a forma e a contraforma, e as proporções dos caracteres.

É possível identificar, também, possibilidades de investigações acerca das estratégias de representação gráfica em projetos de fontes *dingbats* direcionadas ao uso cartográfico. A exploração de diferentes caminhos projetuais para a construção de *dingbats* dedicados a simbolização configura-se como uma área fértil para o desenvolvimento de estudos futuros na área do Design da Informação.

A produção de fontes digitais *dingbats* representativas de pequenos municípios é um campo pouco explorado pelo design de tipos no Brasil. Grande parte dos projetos tipográficos ainda utilizam como referência elementos culturais mais generalizados, ou referentes à cultura e aos

elementos naturais das capitais brasileiras. Vislumbra-se que o projeto de *dingbats* que explore outros tipos de recortes territoriais pode colaborar para a fuga dos estereótipos que colaboram para a discriminação e a xenofobia, assim como para a divulgação das características culturais de municípios menores e ainda pouco conhecidos por públicos de outros estados. O uso dos *dingbats* pode, ainda, auxiliar na produção de artefatos comunicacionais e artesanais pela população local, favorecendo o desenvolvimento econômico das regiões estudadas.

Por fim, destaca-se que o projeto se mostrou exitoso quanto a sua atuação em todos os eixos do tripé que constitui os pilares da formação superior: o ensino, a pesquisa e a extensão. Configura-se como uma iniciativa que busca evidenciar a importância da articulação dos três pilares na formação em Design, contribuindo para a construção de conhecimentos projetuais em sala de aula de forma contextualizada e aplicada.

Referências

- Acselrad, H., & Coli, L. R. (2008). Disputas cartográficas e disputas territoriais. In H. Acselrad et al. (Org.), *Cartografias sociais e território*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento urbano e Regional.
- Acselrad, H., & Viêgas, R. N. (2013). Cartografias sociais e territórios: Um diálogo latino americano. In H. Acselrad, R. N. Viêgas et al. (Orgs.), *Cartografia social, terra e território*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento urbano e Regional.
- Cunha, L. F. S. (2019). O desenvolvimento de fontes dingbats como ferramenta para a aprendizagem do processo projetual do design de tipos. *Anais do 9º CIDI | Congresso Internacional de Design da Informação*. São Paulo: Blucher. <https://doi.org/10.5151/9cidi-congic-2.0193>
- Ferreira, F. R., Mota, C. E., & Barcellos, A. G. S. (2020). Portabilidade de biblioteca de símbolos cartográficos para padrões abertos. *Anais do II Simpósio Brasileiro de Infraestrutura de Dados Espaciais*. Rio de Janeiro.
- Gorayeb, A., Meireles, A. J. A., & Silva, E. V. (2015). Princípios básicos de cartografia e construção de mapas sociais. In A. Gorayeb, A. J. A. Meireles, & Silva, E. V. (Orgs.), *Cartografia social e cidadania: Experiências de mapeamento participativo dos territórios de comunidades urbanas e tradicionais*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). *Baía Formosa*. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/baia-formosa/panorama>
- Lima, C. J. C. (2004). *Entre o mar e a estrela, um lugar pra se bem viver: A problemática da expansão urbana da cidade de Baía Formosa/RN*. [Dissertação de mestrado não publicada]. Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.
- Silva, F. L., & Farias, P. L. (2005). Um panorama das classificações tipográficas. *Estudos em Design*, 11(2), p. 67–81.

Silva, W. (2020). Sumir do mapa e outros scripts: Táticas de resistir à instalação da central nuclear em Itacuruba. *Revista Continente Multicultural*, 231. Recife: CEPE Editora.

Twyman, M. L. (1982). The graphic presentation of language. *Information Design Journal*, 3(1), 2–22.

Sobre as autoras

Luiza Falcão

luizafsc@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Natal, RN

Juliana Felipe Farias

julianafelipefarias@yahoo.com.br

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Natal, RN

Artigo recebido em/*Submission date*: 31/5/2023

Artigo aprovado em/*Approvement date*: 31/7/2023